

A RELAÇÃO COM O CORPO E A SEXUALIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

perceber a relação do ser humano com seu corpo e sua sexualidade como uma construção cultural.

entender o conceito de civilização e processo civilizador como fundamental no processo de transformações na cultura humana.

compreender como se deram as transformações da relação do ser humano com seu corpo e sua sexualidade durante o século XX.

INTRODUÇÃO

A relação do ser humano com seu corpo e a sua sexualidade são assuntos de interesse de diferentes áreas de estudo porque revelam diferentes características culturais, morais e religiosas da sociedade abordada.

Tais temáticas - corpo e sexualidade – envolvem analisar questões inerentes ao espaço privado, à vida privada dos indivíduos, e isso pode trazer algumas dificuldades de análise, pois para se adentrar na vida privada de uma pessoa é necessário termos sua concordância, relatos por ela propiciados, ou outras ferramentas que nos possibilitem, através de seu estudo, penetrar em um universo particular.

As transformações que serão abordadas neste capítulo apontam para a intrínseca relação entre a vida pública e a vida privada dos indivíduos, já que mudanças percebidas no âmbito público, como leis, transformações sociais e econômicas, tiveram importante influência sobre a forma como diferentes comunidades, principalmente ocidentais, efetivaram sua relação com o corpo e a sexualidade.

O CONCEITO DE CIVILIZAÇÃO E PROCESSO CIVILIZADOR

A relação do ser humano com seu próprio corpo, o corpo de outros e a sexualidade que os envolve é uma construção cultural. Através de estudos efetuados por historiadores, sociólogos, antropólogos e demais interessados no assunto, verificou-se que a relação que uma sociedade estabelece com o corpo e a sexualidade é produto da época e contexto em que tal sociedade encontra-se inserida.

Tabus relacionados à exposição corporal, às demonstrações de afeto e, mesmo, ao desejo sexual modificam-se com o passar do tempo e mostram-se diferentes de uma sociedade para outra. O que algumas gerações viam com naturalidade décadas atrás pode, na atualidade, ser um tabu dentro da mesma sociedade. O contrário também é verdadeiro, o que anteriormente era proibido, ou ao menos mal visto, passa a ser aceito.

O processo pelo qual tais transformações ocorrem é resultado de diferentes variantes que, dentro do possível, tentaremos expor e problematizar. Norbert Elias apresenta a ideia de processo civilizador para explicar como essas transformações culturais aconteceram e continuam a acontecer. Segundo o autor, o processo civilizador teria surgido no seguinte contexto:

O conceito de civilté adquiriu significado para o mundo Ocidental numa época em que a sociedade cavaleirosa e a unidade da Igreja Católica se esboroavam. É a encarnação de uma sociedade que, como estágio específico da formação dos costumes ocidentais, ou

“civilização”, não foi menos importante do que a sociedade feudal que a precedeu. O conceito de *civilité*, também, constitui expressão e símbolo de uma formação social que enfeixava as mais variadas nacionalidades, na qual, como na Igreja, uma língua comum é falada, inicialmente o italiano e, em seguida, cada vez mais, o francês. Essas línguas assumem a função antes desempenhada pelo latim. Traduzem a unidade da Europa e, simultaneamente, a nova formação social que lhe fornece a espinha dorsal, a sociedade de corte. A situação, a auto-imagem e as características dessa sociedade encontram expressão no conceito de *civilité*. (ELIAS, 1994, p. 68).

De acordo com o exposto por Elias, a partir do declínio do mundo medieval, com sua sociedade fragmentada entre os diferentes senhores feudais e fortemente influenciada pela Igreja Católica, vemos o surgimento de um sistema centralizado na figura do rei, que paulatinamente assume uma posição absoluta. Nesse processo de fragilização da estrutura feudal e de ascensão da sociedade moderna, onde a figura central era o monarca, é possível constatar uma importante mudança: o surgimento do conceito de *civilité*, ou seja, de civilidade.

Esse conceito se tornaria sinônimo de uma sociedade europeia estruturada com o surgimento dos Estados Nacionais Modernos, onde cada país possui uma corte que dita as leis, costumes, regras sociais. A centralização política que caracterizou o período moderno foi um dos principais fatores que contribuíram para as mudanças nos costumes. Isso porque com a mudança de um sistema feudal de poder fragmentado para uma sociedade moderna de poder centralizado, percebe-se simultaneamente a queda de uma nobreza cavaleiresca e a ascensão de uma burguesia. Essas transformações acarretaram a superação da sociedade medieval pela moderna em diferentes campos do cotidiano da população, dentre os quais é de especial interesse para nós a mudança dos costumes.

A superação da sociedade medieval pela sociedade moderna englobou, além de nova estrutura política, a superação dos costumes medievais, que passaram, paulatinamente, a serem vistos como um comportamento incivilizado. Assim, a nova sociedade – a sociedade moderna - possui valores novos, que, contrapondo-se aos costumes medievais, que passaram a ser vistos como bárbaros, foram substituídos por novos costumes, por novas regras de etiqueta e civilidade.

Para que essa nova sociedade, com seus costumes recém adquiridos, realmente subjugasse aquela estrutura medieval, era necessário propagar os novos comportamentos aceitos como civilizados. Essa propagação dos novos costumes dava-se da elite, que era representada pelo monarca e sua corte, em direção à população. Daí a importância do poder centralizado: na medida em que só existia um chefe político e este, dentro de sua corte, estabelecia os novos costumes, havia apenas um exemplo a ser seguido pela população.

Erasmus de Rotterdam

Nasceu na atual Holanda em 1466 e com vinte e cinco anos realizou os votos monásticos dos monges agostinianos. Foi grande crítico da Igreja Católica e questionou várias de suas ações, pregando que os cristãos retornassem aos valores mais simples do cristianismo. Viajou por vários países, onde teve acesso às cortes de diferentes monarcas. Escreveu importantes obras, entre as quais podemos citar “Elogio da Loucura”.

De acordo com Elias, que utiliza como principal fonte de análise para seu estudo a obra “Da civilidade em crianças”, de **Erasmus de Rotterdam**, o processo civilizador só aconteceu porque, durante a transição da sociedade medieval para a sociedade moderna, “aumenta a coesão exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de ‘bom comportamento’ é colocada mais enfaticamente. Todos os problemas ligados a comportamento assumem nova importância”. (ELIAS, 1994, p. 91).

Michel Foucault apresenta uma interpretação que se aproxima da de Norbert Elias. Ao analisar o processo pelo qual a noção de disciplina surge e se expande nas sociedades europeias no período correspondente aos séculos XVII e XVIII, Foucault afirma que a aplicação da disciplina forma uma “política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos”. (FOUCAULT, 1987, p. 133).

Nessa direção temos a constituição das sociedades modernas, fundamentadas no poder centralizado e absoluto dos monarcas, ocasionando uma profunda transformação nos gestos e costumes das sociedades. Exercendo seu poder de forma a fortalecê-lo e colocá-lo em evidência, o monarca utiliza o processo civilizador para estruturar o comportamento social, de forma a definir o que é ou não aceito em sociedade.

Ser civilizado significa dominar os limites do próprio corpo, agindo socialmente dentro daquilo que é aceito. A sociedade e eventos sociais passam a atuar como uma máquina que observa, manipula e regula o corpo de um indivíduo e seu comportamento para que aja de maneira adequada.

Esse processo de transformação dos costumes, do que é socialmente aceito ou não, é ininterrupto. Com relação ao corpo e à sexualidade, tal processo mostra-se bastante intenso. Houve épocas em que a sexualidade era vista com naturalidade e épocas em que era um assunto sigiloso para, num período posterior, voltar a ser tratado com naturalidade.

AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A RELAÇÃO DO SER HUMANO COM SEU CORPO E SUA SEXUALIDADE.

Antoine Prost (2009) aponta que o processo de distinção entre espaços e comportamentos públicos e privados teve importante papel quanto às mudanças de percepção da sociedade contemporânea sobre a sexualidade humana e sua relação com o corpo.

Segundo Prost, durante a Belle Époque a burguesia dispunha de certa privacidade. Preservar-se perante a sociedade era fundamental para manter o status perante seus pares. Para os burgueses era essencial, por exemplo, que as moças fossem preservadas do olhar público, ficando restritas ao interior

das casas ou frequentando a rua sempre em companhia de conhecidos. No interior da casa o recato também era constante. Meninos e meninas ocupavam quartos diferentes, mantendo assim corpos femininos distantes de olhares masculinos e vice-versa.

No oposto da estrutura social, encontramos camponeses, artesãos e trabalhadores pobres morando em casas de um único ambiente. É o que demonstra o relato de Jean Guéhenno, apresentado por Prost:

Tínhamos apenas um cômodo. Lá trabalhávamos, comíamos, e de vez em quando, à noite, até recebíamos amigos. Dentro dessas paredes, tinham de caber duas camas, uma mesa, dois armários, uma cômoda, um suporte para o fogão a gás, espaço para as panelas, as fotos de família, as do czar e do presidente da República. [...] Havia cordas estendidas de um lado a outro do aposento, onde sempre ficavam secando as roupas da última lavagem. [...] Debaixo de [uma janela alta], ficava a “oficina”, a máquina de costura de minha mãe, o baú de meu pai e um grande balde de água onde sempre havia solas e palmilhas de molho. (PROST, 2009, p. 55).

A falta de privacidade numa moradia de um cômodo certamente se reflete na sexualidade e na relação dos indivíduos com seus corpos e os corpos de outrem. É o que demonstra um relato de Léon Frapié, que traz a experiência de um casal, morador de uma residência de apenas um cômodo. Quando tinha suas relações amorosas, esse casal pedia que os filhos se retirassem e ficassem nas escadas, do lado de fora da residência, enquanto não fossem chamados para entrar (Apud PROST, 2009, p. 61).

O casal apresentado pelo relato de Frapié mostra preocupação com a situação em que a família vive e procura preservar os filhos da atividade sexual dos pais, separando, assim, um momento privado para tal ato. Contudo, o que acontecia com maior frequência, naquela época, era o fato de os filhos estarem presentes durante as relações sexuais dos pais. Isso porque, se essas relações aconteciam à noite, e a residência possuía apenas um quarto (e, às vezes, apenas uma cama), preservar um ambiente privado para as relações sexuais do casal era quase impraticável. Tal situação explicaria porque a preocupação com a educação sexual nas escolas só surgiu nos anos 1960. Ou seja, até então, entre a população das camadas mais empobrecidas, a sexualidade era naturalmente exposta às crianças e adolescentes, que, sabendo exatamente como as relações sexuais, menstruação e demais temas relacionados ao corpo se davam, não necessitavam de palestras a esse respeito. A visualização cotidiana e natural da sexualidade permitia, à população, uma atitude menos sigilosa para com o corpo.

No entanto, parece contraditório perceber que, antigamente, enquanto a sexualidade era mais natural por ser cotidianamente vivenciada entre as camadas sociais mais empobrecidas, o vestuário pretendia preservar o

corpo dos olhares. Em contrapartida, quando no período contemporâneo mais recente a sexualidade passou a ser um tema tratado de forma velada e, dentro do possível, afastado dos olhares infantis e adolescentes, o vestuário mostra mais o corpo.

Em geral, o vestuário masculino de fins do século XIX e início do século XX tinha como base a moda produzida na Inglaterra. Em contrapartida, a moda feminina tinha sua origem na França.

Enquanto os homens utilizavam paletós, camisas engomadas, fraques e cartolas, as mulheres utilizavam os espartilhos, os vestidos estruturados com barbatanas, saias longas com anáguas, além de chapéus. De certa forma, o corpo ficava aprisionado pela roupa, que definia seu desenho e expunha pouca pele. No decorrer do século XX vê-se uma intensa mudança.

Com as duas guerras mundiais o vestuário feminino será intensamente modificado. À medida em que os homens (pais, filhos, irmãos, maridos), que eram o arrimo familiar, vêm-se obrigados a servir os seus países nos conflitos, as mulheres não têm outra opção senão substituir os homens em seus trabalhos, seja no lar, seja nas fábricas e indústrias.

O racionamento de todos os tipos de produtos leva à redução de tecido no vestuário. Da mesma forma, a pouca mobilidade que as mulheres tinham utilizando espartilhos e cintas que comprimiam e desenhavam o corpo feminino, não era interessante no ambiente das fábricas. Portanto, a opção por tecidos mais macios e leves, além da diminuição das estruturas que conferiam contorno ao corpo, é favorecida.

As mulheres passam a usar saias mais curtas e meias-calças ao invés de longos vestidos, sutiãs e calcinhas ao invés de corpetes e espartilhos. A mobilidade do corpo fazia-se necessária e a moda acompanhou tal exigência.





As imagens acima representam a moda feminina e masculina do início do século XX, de 1900 até meados de 1930. As damas utilizavam, respectivamente, o corpete e a cinta para dar forma ao corpo feminino: o busto deveria ser projetado para a frente, enquanto as nádegas, para trás. Os homens elegantes utilizavam fraque, cartola, bengala e colarinho duro com camisa, muitas vezes, engomada. Nas duas décadas seguintes aparecem os vestidos mais curtos, que mostram as canelas das mulheres e o corpete estruturado por barbatanas ou fios de metal é substituído pelo soutien. Os homens, por sua vez, têm poucas mudanças nos trajés.

(Fonte: Imagem1 <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://diacomum.moda.zip.net/images/1910>

Imagem2 <http://estoriasdateoria.blogspot.com/>

Imagem3 http://2.bp.blogspot.com/_6NYOU8AssB4/TH5gFqOTOKI/AAAAAAAAAaA/_aOg00d_1Nk/s1600/sutias.jpg).

Por outro lado, surge uma nova necessidade: exercitar e fortalecer o corpo. Tal necessidade decorre do fato de que “os tecidos mais macios revelam discretamente as linhas do corpo. A aparência física passa a depender mais do próprio corpo, portanto é preciso cuidar dele”. (PROST, 2009, p. 83).

Da mesma forma, as noções de higiene diferem bastante do início do século XX para a atualidade. Na Europa, o clima frio do inverno, a dificuldade de se pegar água nas fontes naturais – já que o abastecimento de água por tubulações era, em geral, um privilégio das camadas sociais enriquecidas – dificultavam a higiene diária. Além disso, havia o consenso geral, entre camponeses, artesãos e populares, de que “a água amolecia o corpo, ao passo que a sujeira era sinal de saúde”. (PROST, 2009, p. 82).

A higiene, entre a população mais simples, era feita sumariamente. Lavava-se a pele exposta, o que incluía mãos, antebraços e rosto. Em raríssimas vezes a população tomava um banho completo. Nas residências da burguesia existiam banheiras ou bacias grandes nas quais a água era colocada e onde a higiene acontecia. Não raro, o banho completo era semanal ou quinzenal. As dificuldades de acesso à água também se faziam sentir

entre os mais abastados e era comum que todos de uma família usassem a mesma água para tomar banho. Ou seja, o pai era o primeiro a tomar banho, seguido pelos filhos, depois era a vez da mãe, seguida pelas filhas e pelos bebês. Findos os banhos a água já estava tão suja por ter sido utilizada por tantas pessoas, que essa situação provocou o surgimento de um ditado popular que pede à mãe que tenha atenção para não jogar a criança fora com a água do banho.



Moda praia dos anos 1930 <http://revistaantigaportuguesa.blogspot.com/2008/05/ilustrao-no-112-agosto-16-1930-31.html>

Esses cuidados com a higiene foram, paulatinamente, passando por um processo de intensificação que faz com que, atualmente, a grande maioria da população se banhe diariamente. A preocupação com a higiene fez parte do processo civilizador anteriormente abordado. Já no século XVI, quando acontecia a transição da sociedade medieval para a moderna, Erasmo de Rotterdam salientava a necessidade das pessoas em lavarem as mãos antes das refeições, inclusive porque naquela época comia-se comumente com as mãos, raramente utilizando-se talheres.

Os cuidados com o corpo só se propagam entre a população à medida que “se multiplicam as ocasiões de mostrar o físico” (PROST, 2009, p. 86). Essa exposição do corpo e da forma física se intensificou com as mudanças no vestuário, com o encurtamento do comprimento de saias e vestidos, com a utilização de tecidos mais leves em blusas, camisas e casacos, e com a prática de exercícios ao ar livre, o que inclui a praia.

A praia é um dos lugares onde a exposição do corpo atinge o auge. À medida que as roupas de banho mudam de blusas, bermudas e vestidos para macacões mais colados ao corpo, passando para maiôs, seguindo para biquínis e sungas, chegando ao fio dental e às praias de naturismo, o corpo é cada vez mais descortinado e exposto.

Sendo assim, vê-se que durante os séculos XVIII, XIX e parte do XX, enquanto o corpo é objeto de exposição cada vez mais intensa, a sexualidade torna-se bastante velada em relação à naturalidade com que era vivenciada há algumas gerações.

Na atualidade, contudo, observamos uma lenta retomada da naturalidade com que nos relacionamos com nossa sexualidade. Parte dos motivos pelos quais tal naturalidade vem sendo retomada deve-se à crescente igualdade entre os gêneros. Baseando-se em uma pesquisa desenvolvida por Lillian Rubin, Anthony Giddens apresenta comportamentos sexuais distintos entre adolescentes de ambos os sexos nos anos 1960. Ele afirma que “assim como a reputação das garotas estava apoiada em sua capacidade de resistir, ou conter, os avanços sexuais, a dos rapazes dependia das conquistas sexuais que podiam realizar” (GIDDENS, p. 19).

No entanto, essa relação desigual entre homens e mulheres sofreu intensas mudanças, causadas principalmente pelo surgimento da pílula anticoncepcional e de outros métodos contraceptivos (como a camisinha). Entretanto, há uma grande diferença entre esses métodos. Enquanto a pílula anticoncepcional dá à mulher total autonomia e controle sobre sua sexualidade, conferindo-lhe também segurança, a camisinha depende da anuência do parceiro em utilizar tal método, o que nem sempre é conseguido.



A igualdade entre homens e mulheres, conquistada através de lutas feministas e dos avanços científicos, se traduz na moda com trajes unissex, como apresentado na segunda imagem. Imagem 1: <https://dialogofashion.wordpress.com/page/30/>. Imagem 2: <http://dudaraviwa.blogspot.com/2010/07/continuacao-moda-anos-80-icone-que.html>

A pílula anticoncepcional deu liberdade à mulher para exercer sua sexualidade sem o receio de engravidar, ver-se alvo do julgamento da sociedade e transformar-se em mãe solteira. As mulheres, quando do advento da pílula, passaram a ter autonomia sobre sua própria sexualidade, podendo exercê-la com o conhecimento de outros ou sem ele, já que a gravidez era um risco afastado.

A essa verdadeira revolução seguiram-se outras, como a exposição pública da sexualidade em revistas, jornais, conversas com amigos e conhecidos. Nesse processo, de forma simultânea e contraditória, o corpo é objeto de valorização, através dos padrões de beleza criados, da moda que o expõe e, também, de vulgarização.

As sociedades, suas culturas e costumes continuam mudando, num processo contínuo e constante, e dificilmente poderemos prever que direção tomará nossa relação com o corpo e a sexualidade. Ao mesmo tempo em que podemos continuar num processo de maior exposição e ganho de naturalidade em relação ao tratamento desses temas, podemos retomar um recato maior.



RESUMO

Nesta unidade você pode perceber que a cultura de uma sociedade é resultado de diferentes fatores, como as mudanças econômicas e sociais que a englobam. Através dos estudos que lhe foram propostos, você conheceu o conceito de processo civilizador, utilizado por Norbert Elias para representar o processo de mudanças que aconteceram em diferentes sociedades humanas em consequência das diferentes modificações que as marcaram. Também foi apresentada a ideia – exposta pelo conceito de processo civilizador e pela noção de disciplina –, trazida por Foucault, de que os costumes de uma época englobam o autodomínio e o autocontrole, além do controle externo da sociedade sobre o indivíduo.

Como objeto de análise desse processo civilizador e desse objetivo disciplinador da sociedade, abordamos a relação de diferentes grupos da sociedade com o seu próprio corpo e sua sexualidade. Através dessa abordagem, ficou claro que transformações ocorridas em ambientes e âmbitos públicos têm importante influência sobre o espaço privado.

ATIVIDADES

1. Assista aos filmes “Orgulho e Preconceito” e “Simplesmente Amor”. Em seguida, escreva um texto, de duas a três laudas, sobre as diferenças das relações amorosas representadas nos dois filmes (em “Orgulho e Preconceito” apresenta-se um amor mais racionalizado, e “Simplesmente Amor” mostra uma imagem romantizada do amor).
2. Elabore um texto, de cerca de três laudas, relacionando o conceito de processo civilizador de Norbert Elias com as transformações percebidas, ao longo do século XX, na relação do ser humano com o corpo e a sexualidade.



SUGESTÕES DE LEITURA

Darnton, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. In: O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Graal. Ed. 4. 1996.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.